

PERFIL DE PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA DE GOIÂNIA

Danuza R. Araújo - SEE/GO
Tadeu J. R. Baptista- FEF/UFG
Jaqueline C. Brito - SEE/GO
Renata C. Otesbelgue - ESEFFEGO/UEG
Letícia R. T. Silva - ESEFFEGO/UEG
João M. Vieira Neto - ESEFFEGO/UEG-PUC-GO
Andréia G. S. Vieira - FE/UFG

RESUMO

A intervenção do professor de educação física nos diferentes espaços deveria ter como direção a formação de seres humanos críticos. Apesar de haverem diferentes posições sobre as academias de ginástica as mesmas podem ser compreendidas como ambiente de educação não formal. Partindo desta premissa, O presente trabalho tem como objetivo geral analisar as práticas dos professores de educação física dentro das academias. A metodologia adotada é o estudo descritivo, realizado através de entrevistas estruturadas em academias de ginástica de Goiânia. Os resultados apontam uma prática que nem sempre possui relação direta com as propostas dos processos educativos e de treinamento.

PALAVRAS-CHAVE: *Academia, Educação Física, Práticas de ensino.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Corpo, Estética, Exercício e Saúde – COEESA, vinculado à ESEFFEGO/UEG. A proposta do presente texto é apresentar uma parte do resultado da pesquisa denominada *O Corpo na Academia: saúde e estética em academias de ginástica de Goiânia*, a qual apresenta dados sobre as práticas dos professores de Educação Física nesses locais.

Este recorte é justificado por se entender a necessidade de reflexão da prática de ensino do professor de educação física em ambientes não escolares, haja vista a necessidade de compreender a educação em um sentido ampliado. Além disso, é possível identificar a necessidade de intervenção deste profissional nos diversos campos de trabalho, voltada para formação em uma perspectiva crítica.

Tendo-se em vista que o discurso presente no senso comum sobre a função da Academia como o local de aprimorar a saúde do organismo¹ através de exercícios que sejam planejados de acordo com os objetivos e as necessidades de seus alunos. Entende-se que a demanda por uma compreensão ampliada da academia enquanto espaço de educação deva ser

¹ Neste texto será feita a distinção entre o organismo, entendido como a dimensão meramente biológica do ser humano e o corpo, compreendido como a condição material e espiritual do ser humano, sendo o mesmo uma construção sócio-histórica. Para maiores detalhes, ver Baptista (2007).

repensado. Apesar de a mesma também apreender o significado de um negócio (empresa) do ponto de vista da visão do mercado (FURTADO, 2007a), inclusive com impacto sobre a intervenção do professor em decorrência da atual organização do processo produtivo.

Partindo-se dessas reflexões iniciais, foi proposto como objetivo geral do presente texto, analisar as práticas dos professores de educação física dentro das academias. Assim, levando-se em consideração os limites deste texto, faremos um breve relato sobre os elementos que os professores de Educação Física se apropriam para elaborar os treinamentos e algumas práticas de ensino neste *locus*.

ACADEMIA DE GINÁSTICA: UM LOCAL PARA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PROFISSIONAL E A FORMAÇÃO DE CORPOS

De acordo com Furtado (2007a), várias personalidades foram peças fundamentais para a disseminação das práticas corporais realizadas na academia, dentre elas podemos citar o fisiculturismo difundido por Schwazenneger, a ginástica aeróbica das vídeo-aulas de Jane Fonda, para afirmar a lógica de que na academia “forma-se” um físico altamente desejado.

Ainda de acordo com Furtado (2007a), a Associação Cristã de Moços (ACM), para além da disseminação de alguns esportes, também teve grande influência na propagação da Ginástica, as quais compõem vários programas das academias na atualidade. Afinal, as bases calistênicas desenvolvidas desde o século XIX, continuam presentes do ponto de vista da sua organização analítica, nos métodos ginásticos atuais (SOARES, 2001).

É importante ressaltar que as academias vendem práticas corporais orientadas, e acabam por transformar os componentes da cultura relativos ao corpo e suas manifestações em mercadoria, acompanhando a ideia da mundialização do capital, compondo um universo denominado *fitness*² ou *wellness*³, embora os termos apresentem distinções nas práticas realizadas.

Neste contexto o homem não busca somente sua satisfação em produtos externos, porem o seu corpo passa a ser a própria matéria prima utilizada pelas academias e transformada em mercadoria. O corpo é ao mesmo tempo consumidor e a mercadoria, movido pela industrial

² O fitness é traduzido livremente como o desenvolvimento da aptidão física, fazendo com que o seu praticante tenha aptidão para realizar atividades físicas diversas. O seu foco se apoia na estrutura de uma atividade organizada, a qual propicia condições biológicas efetivas para as Atividades de Vida Diária – AVD's.

³ O wellness é uma nova perspectiva voltada para o bem-estar. Esta nova concepção mercadológica mantém as suas bases nos fundamentos das ciências biológicas dando, entretanto, abertura para a condição do bem-estar individual. No wellness, ao contrário da aptidão física, o ponto de referência é a condição de satisfação da pessoa em relação ao seu corpo e à sua condição orgânica. Apesar disso, o wellness não foge da lógica biológica e individualista proposta pelo fitness. Ambos consideram inclusive a relação de causalidade entre atividade física e saúde.

cultural para sustentar a o sistema capitalista. O “[...] amor-ódio pelo corpo impregna toda a cultura moderna. O corpo se vê de novo escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo, desejado como o proibido, reificado, alienado” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 217). É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir.

Na relação do indivíduo com o corpo, o seu e o de outrem, a irracionalidade e a injustiça da dominação reaparecem como crueldade, que esta tão afastada de uma relação compreensiva e de uma reflexão feliz, quanto à dominação relativamente à liberdade. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 217).

De acordo com Marx (1983), a mercadoria prazerosa é classificada como um fetiche de satisfações, ou o fetiche que o homem tem pela sua própria imagem. É necessário satisfazer essas necessidades e a ironia do Fetiche é conseguir ser suprido pelo mercado capitalista, o qual gera novas necessidades. Um meio eficiente de fazer consumir cada vez mais através de uma alienação cada vez menos perceptível.

Este universo fez com que houvesse uma expansão quanto ao número de academias com o intuito de atingir uma diversidade de público. Desta maneira “[...] surgem academias também com características diferentes umas das outras e que contratam e constroem professores com perfis diferentes” (FURTADO, 2007a, p. 33). Segundo este autor, tem relação direta com a própria organização atual do modo de produção capitalista. Em certo sentido, podemos pensar em dois modelos de gestão diferentes. De um lado, temos o modelo taylorista/fordista, no qual a organização da produção se faz por processos mais rígidos e de produção em massa, em que a produção de mercadorias independe da demanda de consumo. Por outro lado, a perspectiva toyotista se organiza a partir da elaboração e criação de produtos, adequados às demandas de consumo, portanto com maior nível de flexibilidade, possibilitando desse modo, a produção de acordo com os pleitos apresentados.

Esse é o contexto ao qual estão inseridas as academias de ginástica atualmente. As mais desenvolvidas possuem influências ainda mais fortes da acumulação flexível que as demais. A sua organização interna se afasta muito da rigidez fordista, estando mais próxima das características flexíveis do toyotismo. Assim sendo, a academia funciona em uma dinâmica caracterizada pela flexibilidade, pela diversificação de sua produção, pelo “foco no cliente” e, conseqüentemente, pela mudança do perfil do professor que nela trabalha. (FURTADO, 2007b, p. 311)

O professor desenvolve um trabalho que não compreende, uma vez que, as suas ações tem como foco o direcionamento apresentado pelo cliente. Assim como na produção industrial, as mercadorias gestadas demandam características, até certo ponto, diferenciadas,

haja vista, não ser possível modificar todas as características humanas. Neste sentido, compreendendo que o professor realiza um trabalho sobre o qual não compreende as suas determinações de maneira mais efetiva, o mesmo pode se constituir em um trabalho abstrato.

O trabalho na sua forma assalariada pode ser definido pelo quantum de tempo necessário à sua realização, como para a produção de qualquer mercadoria e esta é a sua essência. A quantidade de trabalho necessário para a produção fica subsumida pelo fetiche, compreendido como o valor da mercadoria em suas bases arbitrárias e fantasmagóricas, entendendo-se que neste caso, o valor é definido sem as bases materiais, ou seja, sem levar em consideração o tempo necessário para a sua realização (MARX, s.d.; MARX, 1996).

Desse modo, é possível compreender que o trabalho do professor de educação física na academia de ginástica também é responsável pela produção de mercadorias. Esse fato fica mais evidente quando se entende o modelo de corpo apresentado na sociedade capitalista atual como sendo algo a possuir um valor específico. Como qualquer mercadoria o corpo agrega valor quando se é possível identificar uma maior quantidade de trabalho apresentada por ele. Neste caso, o corpo com as características apresentadas por Soares (2001b) de retidão, força, baixo percentual de gordura (portanto magro), possui mais valor que os corpos com outras características. Para este modelo de corpo se menciona atualmente o termo “sarado”, ou seja, aquele que estava doente e ficou curado. A aquisição deste padrão corporal pressupõe disciplina e tempo para ser alcançado, por isso, o maior valor sugerido para o corpo com as categorias determinadas socialmente.

O problema é quando os próprios professores de educação física propagam e sustentam esse modelo de corpo alienado. Se existem professores de educação física atuando dessa forma é porque a sua formação contribuiu de alguma forma para isso, ou a falta dessa formação profissional de qualidade.

Para Marcelino (2003), a ampliação de ofertas de trabalho para o profissional da educação física no âmbito do lazer tem resultado no aparecimento de diversas funções, que se pode assumir. Observa-se o aparecimento de um promissor mercado de trabalho em lazer, e que permite destacar a presença desses profissionais em diferentes instituições privadas, como as academias de ginástica. O que sugere um aumento das exigências na formação profissional.

Entretanto, existe outra perspectiva de intervenção do professor de educação física em academias de ginástica: a compreensão deste espaço como campo de educação não formal. Apesar de se compreender a academia de ginástica da atualidade como negócio, não se pode descartar a perspectiva deste espaço como lócus educativo, embora não formal.

A Educação Física, nessa perspectiva, pode caracterizar-se como prática pedagógica não só *na* escola, mas também *no* esporte e *no* lazer, e a atuação profissional, nesse caso, também estaria vinculada ao campo da Educação. De outro, ao daqueles que olham a atuação profissional pelo viés da promoção e da orientação de atividades (*exercícios físico-esportivos*) que objetivam contribuir com o bem-estar (equilíbrio) *corporal* das pessoas. A Educação Física, sobretudo por esse viés, acabou inserida na área de saúde, conseqüentemente, fora da Educação (enquanto área de conhecimento). (COELHO FILHO, 2009, p. 3 – Grifos do Autor).

METODOLOGIA

O presente trabalho se propôs a analisar as práticas dos professores de educação física dentro das academias. Portanto, é necessário captar as informações diretamente dos sujeitos envolvidos no processo, neste caso, utilizaremos as respostas dadas pelos alunos praticantes de exercícios e dos professores.

Para se chegar às respostas pretendidas foi feito um estudo descritivo normalmente utilizado quando o “[...] foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, **seus traços característicos, suas gentes, seus problemas [...], seus professores, sua educação,** sua preparação para o trabalho, seus valores, [...] etc.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 110 – Grifo nosso).

Para se alcançar os objetivos propostos neste estudo, foram elaborados roteiros estruturados de entrevista utilizados com os informantes. A confecção destes instrumentos foi adaptada do instrumento utilizado por Baptista (2001), em pesquisa de mestrado semelhante realizada em Academias de Ginástica. O instrumento foi construído tendo-se em vista o fato de serem dois tipos de informantes: alunos e professores, porém utilizaremos aqui os dados cruzados (feito através da média ponderada entre as respostas), utilizando assim os professores e os alunos como informantes. O instrumento possui três grandes blocos de perguntas, que aqui, utilizaremos somente duas delas: a) Dados de identificação dos informantes; b) Organização do programa de exercícios realizados. Após a construção destes instrumentos, os mesmos foram submetidos a um estudo piloto em uma academia de pequeno porte que não faz parte da pesquisa. Os dados foram analisados no Programa Excel para Windows, sendo que o cruzamento dos dados foi realizado através da média ponderada dos dados obtidos.

Fizeram parte deste estudo os alunos e professores das Academias de Ginástica de Goiânia selecionadas de acordo com os critérios definidos através de amostragem aleatória composta por 132 alunos e 11 professores de 7 academias que se dispuseram a participar da pesquisa. A mesma seguiu critérios éticos de pesquisa e todos os pesquisados assinaram o

TCLE.

Para a obtenção das informações necessárias foram selecionados os locais a partir da Lista de Academias de Goiânia presentes no site do CREF 14 em 14/09/07. Desta relação, 7 academias foram procuradas e autorizaram a realização da pesquisa.

Esses locais foram visitados pelos pesquisadores para se detectar as suas principais características, definindo-se desta forma as condições necessárias para a determinação do número de participantes deste estudo. Para não haver problema entre os dias e horários, optamos pelos horários de maior movimento, alternando-se as academias em relação aos dias, horários e pesquisadores.

Após a determinação das Academias foi definido um total de 30 alunos por academia e, em média, 5 professores. Caso a Academia visitada fosse de pequeno porte ou a quantidade de professores reduzida, optou-se por entrevistar, no máximo três deles.

A PRÁTICA PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM GINÁSTICA DE ACADEMIA: ANÁLISE E CONSTATAÇÃO

A amostragem é composta de 132 alunos (n=132) e 11 professores (n=11) das 7 academias de ginástica de Goiânia, que autorizaram a realização da pesquisa por meio da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Entende-se que esta amostragem seja significativa, tendo-se em vista o fato de a coleta de dados ter sido realizada na forma de entrevista estruturada, permitindo a percepção de alguns aspectos interessantes. Por outro lado, este procedimento metodológico demanda um tempo maior para se coletar os dados. De maneira geral, a equipe de pesquisadores levava em torno de 15 minutos para coletar as informações em cada entrevista. Esta técnica de coleta foi preferida em relação ao questionário, devido ao aumento da mortalidade da pesquisa nesta última forma.

Dentre os dados compreendidos como centrais para esta pesquisa é necessário iniciar pela apresentação do perfil social e demográfico dos informantes. Na tabela 1 é possível identificar o perfil por sexo dos professores e alunos.

Tabela 1: Distribuição de Sexo dos Professores e Alunos das Academias Pesquisadas.

Sexo	Professores		Alunos	
	n (11)	%	(n=132)	%
Feminino	4	36,36	76	57,58

Masculino	7	63,64	56	42,42
Total	11	100	132	100

Dentre os professores se destaca uma maior presença masculina enquanto entre os alunos existe um predomínio das mulheres. De acordo com o IBGE (2010a), a proporção de homens para mulheres em Goiânia é de 0,966. Nesta pesquisa, a proporção foi de 1,75 para os professores e de 0,74 para os alunos. Segundo o mesmo instituto, o percentual de mulheres no estado de Goiás é de 50,34% da população e os Homens correspondem a 49,66% (IBGE, 2010a). Nesta situação há dois possíveis elementos a serem considerados em relação aos professores. A primeira possibilidade é de haver realmente a predominância de homens em relação às mulheres nas academias de ginástica de Goiânia. Outra probabilidade é de os procedimentos da pesquisa terem provocado esta alteração, devido ao dia de coleta dos dados, os horários e o acesso aos professores no local da pesquisa. Todavia, esta informação é consistente com os dados de Palma e Assis (2005), que ao fazer um levantamento quantitativo com 305 professores de academias de ginástica no Rio de Janeiro identificou 223 (73,11%) do sexo masculino e 82 (26,89%) do feminino. Em relação aos alunos e a proporção de homens e mulheres nas academias de ginástica de Goiânia, o estudo de Baptista (2001) também demonstra o predomínio das mulheres (56 = 72,73%) e menor proporção de homens (21=27,27%).

Tabela 2: Distribuição da Faixa Etária e Categoria das Idades dos Professores e Alunos Pesquisados

Faixa Etária	Professores		Alunos	
	n (11)	%	N (132)	%
20-30 (Adulto Jovem)	8	72,73	72	54,55
31-40 (Adulto Médio)	3	27,27	23	17,42
41-50 (Adulto Maduro)	0	0	16	12,12
51-65 (Adulto Tardio)	0	0	12	9,09
65 ou Mais (Adulto Idoso)	0	0	9	6,82
Total	11	100	132	100

A tabela 2 apresenta os resultados da faixa etária dos professores e alunos pesquisados. É possível identificar o número elevado de professores considerados adultos

jovens de acordo com a classificação de Baptista (2001) e uma proporção menor de adultos médios. Este fato coaduna com o estudo de Palma e Assis (2005) no qual os professores pesquisados na cidade do Rio de Janeiro estavam na faixa etária entre 21 e 47 anos. Os dois estudos demonstram certo grau de juventude para se atuar neste espaço de intervenção, apesar do estudo de Palma e Assis apresentarem professores também considerados maduros ainda conforme Baptista (2001). Entre os alunos destaca-se a proporção de adultos jovens (54,55%), seguidos pelos adultos médios (17,44), Maduros (12,12%), Tardios (9,09%) e Idosos (6,82%). Apesar do estudo de Baptista (2001) só analisar os alunos de 20 a 50 anos, existe uma coincidência sobre o predomínio da proporção de adultos jovens (45,45%), Médios (31,17%) e Maduros (3,38%). Neste caso, deve-se destacar ainda que a diferença de metodologia e a maior abrangência de faixa etária deste estudo.

Tabela 3: Estado Civil dos Professores e Alunos Pesquisados

Estado Civil	Professores		Alunos	
	n (11)	%	n	%
Solteiro	8	72,73	83	62,88
Casado	3	27,27	37	28,03
Divorciado	0	0	3	2,27
Viúvo	0	0	6	4,55
Não Informado	0	0	3	2,27
Total	11	100	132	100

Na pesquisa foi detectada uma proporção maior de pessoas solteiras (72,73% dos professores e 62,88% dos alunos), Casados (27,27% dos professores e 28,03% dos alunos). De acordo com a pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD, IBGE, 2010b), na região Centro-Oeste, do ponto de vista do estado civil, a população apresenta a seguinte proporção: Solteiro (45,7%); Casados (43,1%); Divorciado (6,2%); Viúvo (5,0%). Esses dados confirmam a predominância de solteiros da região Centro-Oeste.

Em outro estudo com alunos de academias, o percentual de pessoas casadas era maior que o de solteiras. “Dentro da distribuição do estado civil da população pesquisada, o maior percentual é de pessoas casadas (54,54%), seguido das solteiras (41,56%),” (BAPTISTA, 2001, p.34).

Tabela 4: Nível de Formação dos Professores e Alunos Pesquisados.

Formação	Professores		Alunos	
	n (11)	%	N (132)	%
Superior Incompleto	2	18,18	26	19,70
Superior Completo	8	72,73	42	31,82
Médio Incompleto	0	0	5	3,79
Médio Completo	0	0	45	34,09
Fundamental Completo*	0	0	4	3,03
Pós-Graduação Completo	1	9,09	10	7,58
Total	11	100	132	100

*Não houve alunos com ensino fundamental incompleto.

Um fato a ser destacado no público entrevistado é o número maior de professores com graduação completa (72,73%), e 9,09% já haviam concluído uma pós-graduação. Outro aspecto a ser destacado é de a maioria dos alunos estarem cursando ou terem concluído o curso superior, inclusive pós-graduação com um total de 59,10%, dado este encontrado no estudo de Baptista. Segundo o autor:

A maior parte das pessoas possui nível superior. Destas, 42,85% estão cursando Pós-Graduação. Vale a pena atentar para o fato de que apenas a Academia 2 apresenta pessoas com ensino fundamental incompleto, correspondendo a 12,5% de seus alunos, e mais 25% de alunos com o ensino médio incompleto. [...] Esses dados sugerem a elitização desse espaço [...], entendendo-se que pessoas de nível superior são, em sua maioria, de classe média e alta (BAPTISTA, 2001, p. 35).

Ainda na tabela 4 identificamos o processo de formação continuada formal dos professores. Destes, dois ainda eram graduandos e dos outros 8 apenas um havia começado a pós-graduação. O fato de serem professores adultos jovens pode justificar este processo. Teoricamente, professores melhor qualificados devem ter remunerações maiores e maior capacidade de interferir no processo educativo de seus alunos.

Tabela 5: Instituição de Formação Inicial dos Professores Pesquisados

IES de Graduação	n (11)	%
ESEFFEGO	3	27,27

UFG	2	18,18
UCG(PUC)	2	18,18
UNIP	1	9,09
UNIVERSO	1	9,09
FUG	1	9,09
Albert Einstein	1	9,09
Total	11	100

A tabela 5 demonstra que a maior parte dos professores, estudou ou está estudando em instituições goianas e apenas 1 veio de fora. Ademais, ao considerar os professores formados ou em formação do estado, 50% se formaram em instituições públicas (ESEFFEGO e UFG) e os demais nas instituições particulares da região. Deve-se destacar ainda que as duas faculdades públicas são as mais antigas do estado.

A partir da tabela 6, serão discutidos alguns aspectos sobre a prática do professor vinculados à realização de avaliações físicas, tempo de reformulação dos programas dos alunos e o processo de discussão e transmissão de informações sobre os programas de treinamento.

Tabela 6: Realização de Avaliação Física na Montagem do Programa (%)

Realização de Avaliação Física	Professor	Aluno	Total (X)
Sim	54,55	59,85	59,44
Não	45,45	40,15	40,56

Na tabela 6 é possível identificar na resposta de professores e alunos, se existe o processo de avaliação física na academia pesquisada. De acordo com as respostas, na maioria das academias pesquisadas, existe o processo de avaliação física, embora, não aconteça uma correspondência direta em percentuais entre as duas coletas. Segundo Hernandes Jr. (2002), a avaliação física faz parte do processo de organização do treinamento, bem como, dos procedimentos educativos. A princípio, a avaliação deve considerar a sua dimensão diagnóstica, ponto de partida para a realização de qualquer projeto ou programa educativo ou de treinamento.

Tabela 7: Frequência que o professor altera o programa de acordo com a informação de

professores e alunos.

Periodicidade de Alteração dos Treinos	Professor	Aluno	Total (X)
De acordo com o treino, o aluno ou a avaliação.	9,09	18,19	17,49
Toda aula	0,00	5,30	4,89
A cada 2 ou 3 semanas	9,09	1,52	2,10
Mensal	9,09	19,70	18,88
A cada 45 dias	0,00	5,30	4,89
Bimestral	18,18	5,30	6,29
Trimestral	27,27	8,33	9,79
Quadrimestral	0,00	0,76	0,76
A cada 5 Meses	0,00	1,52	1,40
Semestral	18,18	2,27	3,49
Não há periodicidade definida	0,00	0,76	0,76
De acordo com Periodização	9,09	0,00	0,76
O Aluno é quem altera	0,00	1,52	1,40
Não altera/não alterou ainda	0,00	15,91	14,69
Não Sabe	0,00	0,76	0,76
Não Informou/Não Respondeu	9,09	12,88	12,59

A tabela 7 se mostra totalmente discrepante em relação aos resultados. De acordo com os professores pesquisados, 27,27% deles fazem alterações no treinamento do aluno trimestralmente, 18,18% dizem fazer as alterações a cada dois meses ou semestralmente. Já os alunos informam que os professores mudam o treino de forma mensal (19,70%); De acordo com o treino ou a avaliação (18,19%) e outros 15,91% informaram que o professor não altera o seu treino ou não alterou ainda. Neste último caso, como manter um processo de melhorias sem seguir princípios de treinamento ou de relação ensino/aprendizagem? Este dado, provavelmente indica, além da contradição explicitada, falta de conhecimento ou de organização com a programação do aluno por parte do professor.

Por fim, na tabela 8, procuramos identificar se o professor dá informações aos seus alunos em relação às mudanças de treinamento.

Tabela 8: Que informações o professor dá sobre as alterações Realizadas no treinamento.

Informações dadas Pelo Professor	Professor	Aluno	Total (X)
----------------------------------	-----------	-------	-----------

Dá informações	81,82	62,12	63,64
Não passa Informações	18,18	34,09	32,87
Não Sabe	0,00	2,27	2,10
Não Entendeu a Pergunta	0,00	1,52	1,40

Entre os professores, 81,82% ressaltam a passagem de informações para os alunos. Contudo, entre estes, 62,12% comentam que os professores passam informações entre as mesmas. De maneira geral, é possível identificar um diálogo entre professores e alunos, todavia, a diferença do percentual é expressiva (19,7% a menos dos alunos afirmam o diálogo e as informações sobre as mudanças ocorridas).

Está em jogo a condição da academia como espaço educativo, pois,

[...] queremos defender aqui a idéia de que esse é um local privilegiado de educação não-formal. [...] devendo-se assim ressaltar a necessidade de perceber os seus freqüentadores não apenas como clientes atrás da prestação de serviços ou de uma mercadoria que pode ser ele mesmo. Uma mercadoria que se põe na mão de um profissional que irá modificá-la para aumentar o seu valor de mercado. Devemos perceber essas pessoas [...], ainda estão em processo de formação de sua consciência em relação ao mundo e à si mesmos (BAPTISTA, 2001, p. 184).

Muito mais do que como um negócio (Furtado, 2007a e 2007b) ou um espaço de lazer como afirma Marcelino (2003), a academia deve ser compreendida em sua dimensão educativa e o professor em sua condição de educador, porquanto, ambos assumem posições educativas amplas, para além daquelas que extrapolam a educação escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse de atuação em academias, conforme Coelho Filho (2009) tem sido um grande chamariz para que os indivíduos procurem ingressar nos cursos de Educação Física, seja de bacharelado ou Licenciatura. Ressalta-se, porém que independente de serem habilitados como profissional (bacharel) ou professor de Educação Física (licenciados), o que deve consistir enquanto ponto relevante é a prática pedagógica que os mesmos irão adotar para desempenhar o trabalho na academia com a finalidade de alcançar os objetivos dos alunos de forma consciente, visto que a Educação Física deve assumir seu caráter pedagógico não só nos espaços formais (escolares).

O fato apresentado, no entanto, não vem acontecendo na maioria dos desempenhos dos

professores que atuam na academia, conforme o mesmo autor citado anteriormente. O que vem decorrendo é uma transformação daqueles em animadores de atividades, o qual tem como características a sociabilidade, alegria, entusiasmo e outras necessárias para atrair pessoas para sua aula. Entretanto, elenca-se que para ocorrer um trabalho sério e de qualidade o indivíduo deve ter uma prática que ultrapassa a mera “pedagogia das competências” (NOZAKI *apud* COELHO FILHO, 2009, p. 8), respaldada nos saberes ser, fazer, aprender e conviver.

O professor ou profissional de Educação Física, para ter, portanto, sua atuação reconhecida na academia deve romper com o ideário de uma figura frágil, sem grande necessidade e que pode ser facilmente substituída, como denota Coelho Filho (2009). Levanta-se, portanto, que um ponto inicial seria pedagogizar a prática docente nas aulas de ginástica, observando os objetivos dos participantes, estando atento às respectivas facilidades e dificuldades destes, bem como conduzir a formação de conhecimento a respeito da prática executada, ultrapassando a mera repetição mecanizada. Ocorre uma precarização e desvalorização do trabalho docente, e os empregos nos setores não-escolares seguem na mesma direção.

Os dados apresentados, sobretudo nas tabelas 6 a 8, permitem refletir sobre a intervenção profissional nas academias, os conhecimentos inerentes ao treinamento e à educação crítica. É necessário repensar a ação, sob a pena de se prejudicar a própria área e o processo de emancipação humana.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BAPTISTA, T. J. R. **Procurando o Lado Escuro da Lua: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFG, Goiânia, 2001.

_____. **Educação do corpo: produção e reprodução**. Tese (Doutorado em Educação). UFG, Goiânia, 2007.

COELHO FILHO, C. A. de A. Educação física nas academias de ginástica: uma reflexão sobre a prática profissional. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso

Internacional de Ciências do Esporte, Salvador – Bahia – Brasil, 20 a 25 de setembro de 2009. **Anais...** Salvador: CBCE, 2009, pp. 1-14. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/schedConf/presentations>. Acesso em: 29 de setembro de 2009.

FURTADO, R. P. Novas tecnologias e novas formas de organização do trabalho do professor nas academias de ginástica. **Pensar a Prática**. v. 10/2, pp. 307-322, jul./dez. 2007a.

_____. **O não-lugar do professor de Educação Física em academias de ginástica**. 2007.187f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007b.

HERNANDES JUNIOR, B. D. O. **Treinamento Desportivo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílio: síntese de indicadores 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf. Acesso: 13/05/2011.

_____. Pirâmide Etária em Goiás – Censo 2010a. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/censo2010/piramide_etaria/index.php. Acesso em: 25/04/2011.

MARCELLINO, N. C. Academias de ginástica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v. 11, n. 2, p. 49-54, jun. 2003.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996, v. 1. (Coleção Os Economistas).

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução (de) Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MARX, K. **Trabalho Assalariado e Capital**. São Paulo: Global Editora, s.d.

PALMA, A.; ASSIS, M. Uso de esteróides anabólico-androgênicos e aceleradores metabólicos entre professores de educação física que atuam em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 27, n. 1, p. 75-92, Set. 2005.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados,

2004.

_____. Notas sobre a educação do corpo. **Revista Educar**. Curitiba: UFPR, nº. 16, p. 43-60, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.